

*1- A pedagogia lassalista não pode trabalhar com a hipótese de que possa voltar, em prazo curto, um mundo ordenado, nem que seja possível trabalhar com um corpo de princípios éticos universalmente aceitos, com práticas morais uniformemente decorrentes.*

*2- A pedagogia lassalista não pode ter a pretensão de impor à sociedade um ordenamento segundo sua concepção de mundo, nem exigir que todos os comportamentos se balizem em seus princípios éticos.*

**Marcos Corbellini, fsc**

# Ética ou caos e pedagogia lassalista

## Ethics or chaos and lassalian pedagogy

Marcos Corbellini, fsc\*

### O caos

A palavra caos vem do grego – *kháos* – e significa, segundo o dicionário, confusão de todos os elementos, antes de se formar o mundo; quer dizer, no senso comum, grande desordem, confusão, babel, balbúrdia.

As ciências, sobretudo as exatas, há alguns anos começaram a estudar a *Teoria do Caos*, apesar dos seus efeitos estarem muito presentes no dia-a-dia. O caos acontece na meteorologia, na irregularidade da pulsação cardíaca, no gotejar de uma torneira, nas montanhas, nas árvores, no crescimento populacional, no partir de um copo no chão, no mercado financeiro, no movimento das placas tectônicas, entre outros. Na natureza, esses sistemas complexos são comuns. A formação de uma nuvem no céu, por exemplo, pode ser desencadeada e se desenvolver com base em centenas de fatores.

Do paradigma que explicava todos os fenômenos a partir da relação linear de causa e efeito, passou-se a entender que para um determinado resultado são inúmeros os elementos que contribuem de forma aleatória. Esta teoria busca a formulação e comprovação de hipóteses que explicariam o funcionamento de sistemas complexos e dinâmicos. O recurso dos computadores veio facilitar a vida desses pesquisadores.

Na ótica do senso comum, a quantidade indeterminada de elementos, com todas as infinitas variações e interações, resultam em um acontecimento que ocorre ao acaso. A Teoria do Caos busca, através de equações, prever o que pareceria imprevisível por definição: o acaso.

A Teoria do Caos é, de certa maneira, conhecida pela sabedoria popular há muito tempo. Um

\* Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Presidente da Sociedade Porvir Científico e da Fundação La Salle; Professor, Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, Brasil; irmarcos@delasalle.com.br

exemplo clássico ilustra bem um processo onde uma causa inicial simples pode gerar resultados surpreendentes: por vontade de um prego, perdeu-se uma ferradura; por vontade de uma ferradura, perdeu-se um cavalo; por vontade de um cavalo, perdeu-se um cavaleiro; por vontade de um cavaleiro, perdeu-se a batalha; por vontade de uma batalha, perdeu-se o reino.

Edward Lorenz, em 1963, lançou uma das mais conhecidas bases da teoria, o chamado “efeito borboleta”, que corresponde ao efeito provocado pela realimentação do erro, ou seja, uma dependência sensível dos resultados finais às condições iniciais da alimentação dos dados.<sup>1</sup> A teoria do caos quer entender o comportamento aleatório e imprevisível dos sistemas. Sistema aqui é entendido como um conjunto de objetos que se inter-relacionam de alguma forma. Há duas categorias de sistemas: lineares e não-lineares. Nos sistemas lineares, a resposta a uma situação anômala é diretamente proporcional à intensidade da causa. Nos sistemas não-lineares, a resposta não mantém, necessariamente, essa proporcionalidade. É esta a categoria de sistemas que serve de objeto à teoria do caos.

Uma das idéias centrais desta teoria é que os comportamentos

casuais (aleatórios) também são governados por leis e que estas podem prever dois resultados para uma entrada de dados. O primeiro é uma resposta ordenada e lisa e cujo futuro dos eventos ocorre dentro de margens estatísticas de erros previsíveis. O segundo é uma resposta também ordenada, onde porém a resultante futura dos eventos é corrugada, onde a superfície é áspera, caótica, ou seja, ocorre uma contradição neste ponto onde é previsível que o resultado de um determinado sistema será caótico.

Até a década de 1980, cientistas em geral defendiam a tese de que o universo era governado por leis precisas e estáticas, portanto os eventos nele ocorridos poderiam ser previstos com alto grau de confiabilidade, uma vez conhecidas as leis fundamentais da natureza.

Essa concepção perdeu durante séculos, tendo evoluído da visão platônica e aristotélica para o mundo da modernidade. Até o advento de Descartes, Galilei e Newton, o mundo era entendido eminentemente a partir da visão filosófica. O mundo das idéias seria o mundo real, cabendo ao mundo físico a condição de representação desse mundo. Posteriormente, com Tomás de Aquino, as categorias gregas ganharam o status teológico.

Galileu Galilei introduziu algumas das bases da metodologia científica presas à *simplicidade* da obtenção de resultados. Segundo aquela metodologia, a ciência continuou gradualmente a sua expansão em direção à determinação das reali-

<sup>1</sup> Laplace afirmava que em se conhecendo todas as variáveis universais em determinado momento, seria possível encontrar uma só fórmula matemática que expressasse a unificação de todos os movimentos do Universo. Ele formulou e desenvolveu os princípios da teoria das probabilidades.

dades físicas.

Com Isaac Newton, surgiram as leis que regem a Mecânica Determinista Clássica e a determinação de que a posição espacial de duas massas gravitacionais poderia ser prevista. Havendo portanto uma explicação plausível da órbita terrestre em relação ao Sol. A concepção de mundo decorrente das formulações newtonianas era de uma máquina de engrenagens criadas com perfeição, movimentando-se segundo leis eternas e imutáveis.

No início do século XIX a mecânica clássica começou a ser colocada em cheque, e conceitos como os de Max Born, Einstein, Eisenberg, para citar apenas três, abriram caminho para outras visões do universo físico, diferentes do determinismo da lei natural.

O que pensamos ser “simples” e “puro” pode tornar-se complicado, e novas e perturbadoras interrogações se levantam a propósito de dimensões, previsibilidade e verificação ou falsificação de teorias. Em contrapartida, podemos tornar o complicado em simples, pois os fenômenos que parecem aleatórios e desprovidos de estrutura ou sentido podem, de fato, obedecer a leis simples.

Enquanto os cientistas procuram tirar do caos a Teoria do Caos, a palavra já passou a integrar o vocabulário do dia-a-dia, à medida que constatamos, cada vez mais, que a realidade em que vivemos não está tão ordenada como estava ou como imaginamos que deveria es-

tar. Isto tende a tornar o conceito de caos bastante subjetivo.

Já admitimos, sem muita discussão, que vivemos em um mundo conturbado e em uma sociedade caótica. As certezas diminuíram, as seguranças são cada vez mais frágeis, os medos cada vez mais onipresentes, o amanhã é sempre nebuloso. Se acordamos e saímos para a “luta”, não sabemos se iremos alcançar o anoitecer vivos ou inteiros, sem alguma perda. Se amamos ou somos amados nada nos garante que o seremos até o dia seguinte. Os caminhos que trilhamos hoje não levam sempre ao mesmo fim de ontem. Os espaços que conquistamos, com muita luta e muito sofrimento, podem ser desestabilizados em poucos instantes.

Palavras que antes só encontrávamos nos dicionários, ou em filmes, ou em noticiários de um mundo distante, estão diante de nós a todo o momento: conflito, confusão, tensão, bala perdida, tumulto, terrorismo, bomba, explosão, assalto, bando armado, etc., junto a outras que abandonaram a torre de marfim inacessível de algumas ciências: genoma, DNA, rede de computadores, internet, engenharia genética, etc.

## A ética

Diante desse quadro, não descrito à exaustão, temos a questão da ética.

A *ética* (palavra originada diretamente do latim *ethica*, e indireta-

mente do grego *ηθική*, *ethiké* – que significa ‘Morada da Alma’) é um ramo da filosofia, e um sub-ramo da axiologia, que estuda a natureza do que é considerado adequado e moralmente correto. A ética é uma *Doutrina Filosófica* que tem por objeto a Moral no tempo e no espaço, sendo o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana. O Aurélio define ética como “... estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem ou do mal, seja relativamente a determinada sociedade, seja de modo absoluto”.

A ética é essencialmente especulativa. Ela tem uma dimensão normativa que é seu objeto de estudo, a Moral. A ética mostra o que era moralmente aceito em um determinado espaço, em um determinado tempo, o que possibilita comparar com o que é moralmente aceito em nosso tempo e no espaço em que vivemos. Essa comparação poderia ensejar mudanças no comportamento humano individual ou social e suas decorrências, buscando respostas a uma questão que é atemporal: “Como devo agir perante os outros?”.

A partir da ética os filósofos assumiram variados posicionamentos ao definir o que é bom, e orientando sobre como lidar com os conflitos entre indivíduos e sociedade. Discutiu-se muito sobre a universalidade dos princípios éticos contra a chamada “ética de situação”. Se na Antiguidade, a ética se diferen-

ciava da moral, hoje estas duas noções tendem a se confundir, seja pelo uso que dela faz a mídia, tratando os termos como sinônimos, seja como decorrência de transformações da vida moderna.

A partir da modernidade a ética começou a ser aplicada em praticamente todas as áreas do conhecimento. Caberia dar um destaque para a economia, a ciência política, a sociologia, resultando em campos específicos que incluem, entre outros, a ética nos negócios à ética da família, da sexualidade, o feminismo e a guerra, a ética de cada profissão. (MOORE, 1975, p. 4).

A modernidade constituiu um corpo de pensamento que alguns denominam moral racional, na medida em que à razão humana é dado o direito de distinguir o que permanece válido e o que está ultrapassado, liberando-se da moral pré-definida oriunda de uma instância sagrada ou da religião.

A ética é um dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/MEC). Isto reflete a preocupação, na política governamental, de que na escola se incentive a autonomia na formação de valores, ajudando o aluno a aprender a se posicionar na vida social, dentro e fora do ambiente escolar. Os PCNs propõem quatro focos temáticos: o respeito, a justiça, o diálogo e a solidariedade.

A pós-modernidade inventou, sobretudo nas últimas décadas, os “códigos de ética”, um conjunto de princípios, regras, normas, di-

retrizes que pretendem balizar o comportamento moral de determinado grupo social, especialmente o grupo profissional.

Aparentemente falamos bastante em ética, mas nos encontramos desprovidos de uma ética que responda aos grandes problemas atuais da humanidade em geral e de cada sociedade em particular. Pode-se dizer que a reflexão ética não acompanhou o extraordinariamente rápido avanço da ciência e da tecnologia. E a maior parte dos costumes vividos em sociedade é resultado de acomodações entre as partes, sobrevalendo os interesses dos mais fortes.

## A pedagogia lassalista

O que costumamos chamar “pedagogia lassaliana” historicamente foi construída no período de surgimento da modernidade. Em decor-

rência, ela foi concebida a partir da visão de um mundo de ordem, de disciplina, de obediência a Deus e seus representantes. Um período em que, na França, Igreja e Estado estavam unidos no combate a todo pensamento e comportamento que não coincidissem com o que era propugnado pela moral cristã.

Assim, tanto na prática educativa implantada nas escolas lassalistas quanto em seus escritos, é marcante a ocorrência de palavras como ordem (*ordre*), desordem (*désordre*), silêncio (*silence*), vigilância (*vigilance*), etc.<sup>2</sup>

Várias frases nas cartas demonstram essa preocupação de La Salle no acompanhamento de seus Irmãos. Ele chama à atenção para comportamentos que são sinais de desordem e que devem, portanto,

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Presidente da Sociedade Porvir Científico e da Fundação La Salle; Professor, Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, Brasil; irmarcos@delasalle.com.br. Laplace afirmava que em se conhecendo todas as variáveis universais em determinado momento, seria possível encontrar uma só fórmula matemática que expressasse a unificação de todos os movimentos do Universo. Ele formulou e desenvolveu os princípios da teoria das probabilidades.

Na Guia das Escolas (*Conduite des Écoles*), o livro que descreve pormenorizadamente o que e como se ensinava na escola lassalista, essas palavras aparecem: “ordre”: 236 vezes – “désordre”: 10 vezes – “silence”: 30 vezes; “vigilance” – 14 vezes; “punir” – 17 vezes. Lembremos que, segundo o Guia, o ensino da leitura e da escrita se fazia seguindo rigorosamente um algoritmo cujos resultados haviam sido comprovados, e que consistiam em uma seqüência de lições descritas com minúcia. Nas cartas (*Lettres*) escritas por João Batista de La Salle, das quais temos conhecimento de cento e trinta e sete, classificadas em Cartas Autografadas, Cartas Copiadas, Cartas Impressas: “ordre”: 13 vezes – “désordre”: 5 vezes – “silence”: 23 vezes. Nas Regras de Cortesia (*Règles de la bienséance*), livro de leitura das escolas, que introduzia os alunos nas práticas de convivência aceitas na sociedade: “ordre”: 3 vezes; “silence”: 6 vezes. Nas Meditações: *Méditations pour les Dimanches* e para os dias de festa (*Méditations pour tous les dimanches de l’année*, *Méditations sur les principales fêtes de l’année*): “ordre”: 23 vezes – “désordre”: 10 vezes – “silence”: 16 vezes. Curiosamente, nas *Méditations* para o tempo de retiro (*Méditations pour les temps de la Retraite*) não há ocorrências dessas palavras.

<sup>3</sup> Parece-me que é preciso mandar embora os alunos que não são assíduos e que chegam atrasado, porque é uma desordem nas escolas ter que admitir uns ou outros. (La Salle, *Lettres Copiées* 9,10).

<sup>4</sup> Tende o cuidado de ser sempre grave na escola; disso depende muito a ordem na escola. (La Salle, *Lettres Autographes* 34,8).

<sup>5</sup> Guardai-vos bem de vos deixar levar à impaciência na escola porque não é o meio de estabelecer nem a ordem nem o silêncio. (La Salle, *Lettres Autographes* 47,12). Vigiai-vos na escola para não vos deixar levar à impaciência, porque, longe de conseguir ordem ela lhe coloca obstáculos. (La Salle, *Lettres Copiées* 102,12).

ser coibidos com firmeza: a falta de assiduidade e os atrasos dos alunos,<sup>3</sup> a gravidade do professor,<sup>4</sup> sua postura de paciência,<sup>5</sup> a vigilância contínua a exercer sobre os alunos,<sup>6</sup> o silêncio,<sup>7</sup> a fidelidade rigorosa às práticas escolares.<sup>8</sup>

La Salle definiu, também, as doze virtudes de um bom mestre: a gravidade, o silêncio, a humildade, a prudência, a sabedoria, a paciência, a discrição, a doçura, o zelo, a vigilância, a piedade, a generosidade.

A mesma preocupação com ordem aparece no tocante à vida dos Irmãos em comunidade, seja no sentido de atender às ordens de Deus através dos superiores, seja no cuidado em não ferir as regras adotadas.<sup>9</sup>

A escola lassalista nas origens soube atender, e com eficácia, às necessidades da Igreja e do Estado. Escreveu La Salle, na meditação para a festa de São Luís, Rei da França:

*Vós deveis unir, em vosso emprego, o zelo pelo bem da Igreja com o zelo pelo bem do Estado, dos quais vossos discípulos começam a ser e deverão um dia ser membros, com perfeição. Atendereis ao bem da Igreja fazendo deles verdadeiros cristãos, e tornando-os dóceis às verdades da fé e às máximas do Evangelho. Atendereis ao bem do Estado ensinando-os a ler e a escrever e tudo o que corresponde ao vosso ministério a respeito disso.<sup>10</sup>*

## Considerações finais

Sem ter a intenção de ser conclusivo, teço as seguintes considerações finais, tentando relacionar os três temas dessa mesa.

1. A pedagogia lassalista: não pode trabalhar com a hipótese de que possa voltar, em prazo curto, um mundo ordenado, nem que seja possível trabalhar com um corpo de princípios éticos universalmente aceitos, com práticas morais uniformemente decorrentes; não pode ter a pretensão de impor à sociedade um ordenamento segundo sua concepção de mundo,

<sup>6</sup> Tende muita vigilância sobre os meninos porque não há ordem na escola senão quando se os vigia o que faz com que eles progridam. (La Salle, *Lettres Autographes* 55,16).

<sup>7</sup> Quanto mais silêncio houver em vossa escola, tanto mais ordem, portanto faça que haja. (La Salle, *Lettres Copiées* 69,18).

<sup>8</sup> Estou persuadido que vós poderíeis impedir a desordem que os meninos do Irmão... fazem na Igreja e a pouca ordem que ele tem na escola. Por isso, vos imploro que as coisas se façam como elas devem ser feitas. (La Salle, *Lettres Copiées* 75,4). É preciso ser exatos em fazer todos os exercícios no horário, na escola, porque, para haver ordem, é preciso que tudo seja regrado. (La Salle, *Lettres Copiées* 98,6).

<sup>9</sup> Fazeis bem em esperar a ordem da providência. (La Salle, *Lettres Autographes* 20,3). Peço a Deus que vossa casa esteja em ordem e na regularidade, trabalhai para isso. (La Salle, *Lettres Autographes* 37,13). Para responder a vossas duas cartas, eu vos direi que escrevi ao Irmão Ponce para ir a Mende e pôr ordem em tudo. (La Salle, *Lettres Autographes* 51,1). Se há alguma coisa que não vai bem, será suficiente dizer ao Irmão Joseph, quando ele vier a Rouen, ou ao Irmão Barthélemy em sua ausência, a fim de que eles coloquem tudo em ordem. (La Salle, *Lettres Autographes* 55,2). Eu não sei porque, meu caríssimo Irmão, há tão pouca ordem em sua casa. (La Salle, *Lettres Copiées* 73,1). Sede exatos na prática do silêncio. É um dos principais pontos de regularidade, sem o qual uma casa cai na desordem. (La Salle, *Lettres Imprimées* 87,5).

nem exigir que todos os comportamentos se balizem em seus princípios éticos.

2. Por outro lado, a pedagogia lassalista deve: ser capaz de assimilar os novos conhecimentos que a ciência e a tecnologia trazem, bem como contribuir na sua elaboração; deve ter bem clara sua concepção de mundo, de sociedade e de pessoa, como proposta na qual estejam explicitados sua maneira de administrar a ordem e os princípios éticos nos quais acredita, baseados na mensagem de Jesus Cristo; deve ser clara quanto aos compor-

tamentos que espera das pessoas que a buscam.

## Referências

CLOTET, J. **Una introducción al tema de la ética**. Psico, v. 12, n. 1, p. 84-92.

LA SALLE, Jean-Baptiste. **Oeuvres complètes**. Roma: FEC, 1993.

MOORE, G. E. **Princípios éticos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

SINGER, P. **Ethics**. Oxford: OUP, 1994.

VIANA, R. O. **Estudos no mercado de capitais**. ATM, 2006.

<sup>10</sup> LA SALLE, JB. *Méditations sur les principales fêtes de l'année*, 160,3.